

OS “NÓS” QUE HÁ EM NÓS [PARTE 2]



"[11.38] Jesus, sentindo-se novamente indignado, chegou ao túmulo, uma gruta com uma pedra fechando a entrada. [11.39] 'Rolem a pedra para o lado', ordenou. 'Senhor, ele está morto há quatro dias', disse Marta, a irmã do falecido. 'O mau cheiro será terrível.' [11.40] Jesus respondeu: 'Eu não lhe disse que, se você cresse, veria a glória de Deus?'. [11.41] Então rolaram a pedra para o lado. Jesus olhou para o céu e disse: 'Pai, eu te agradeço porque me ouviste. [11.42] Tu sempre me ouves, mas eu disse isso por causa de todas as pessoas que estão aqui, para que elas creiam

que tu me enviaste'. [11.43] Então Jesus gritou: 'Lázaro, venha para fora!'. [11.44] E o morto saiu, com as mãos e os pés presos com faixas e o rosto envolto num pano. Jesus disse: '**Desamarrem as faixas e deixem-no ir!**'... [12.1] Seis dias antes de começar a Páscoa, Jesus chegou a Betânia, onde morava Lázaro, o homem que ele havia ressuscitado dos mortos. [12.1] Prepararam um jantar em homenagem a Jesus; Marta servia, e Lázaro estava à mesa com ele... [12.9] Quando o povo soube da chegada de Jesus, correu para vê-lo, e também a Lázaro, a quem Jesus havia ressuscitado dos mortos. [12.10] Então os principais sacerdotes decidiram matar também Lázaro, [12.11] pois, por causa dele, muitos do povo os haviam abandonado e criam em Jesus." (João 11.38-44; 12.1-2, 9-11 – Nova Versão Transformadora)

Em uma de suas obras, o poeta paraense Noélio Arantes de Mello escreveu que “são os nós da vida que um dia apertam sentimentos, que amarram nossa alegria. Que nos atam às dores, às saudades, ao desamor e que nos deixam sós no meio de muitos nós de multidões. Nós somos os próprios nós da vida”. “Nós”, são entrelaçamentos de um ou dois fios, linhas, cordões etc., cujas pontas passam uma pela outra e se apertam. “Nós”, em sentido figurado, são a causa daquilo que impede ou atrapalha o nosso movimento, a nossa progressão. São nossos bloqueios, nossas dificuldades. “Nós”, também pode indicar eu mais outra ou outras pessoas, todos pertencentes a um contexto ou realidade em comum.

Desde que o mundo é mundo, as pessoas enfrentam dificuldades quando o intuito delas é o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais saudáveis e, principalmente, duradouros. O exemplo disso é a constatação de que a maioria dos jovens anda em grupos, a dos adultos em pares e os idosos, em sua maior parte, andam sozinhos. Com raras exceções, o efeito do tempo sobre os relacionamentos tem causado o derretimento, a liquefação da maioria dos vínculos afetivos.

O advento da pós-modernidade (ou hipermodernidade, em nossos dias), somado ao avanço da tecnologia da informação, faz com que relacionamentos sociais sejam substituídos por relacionamentos virtuais. Aos poucos, deixamos de olhar nos olhos uns dos outros e passamos a contemplar a tela de um objeto, onde beijos e abraços são substituídos por *emoticons* – caracteres gráficos utilizados para representar emoções humanas. Ignoramos o fato de que, apesar da atual importância de interagirmos uns com os outros em ambientes virtuais, o homem foi criado para viver

em um mundo concreto, real, onde os relacionamentos só se desenvolvem através da mutualidade entre seus semelhantes. Esse conceito pode ser estendido inclusive para o nosso relacionamento com Deus. **Há muitas pessoas que desperdiçam eternidade de tempo ao escrever orações direcionadas a Deus e publicá-las no Facebook. É gente que esquece, ou finge não saber, que Deus não possui conta em quaisquer ferramentas de mídias sociais. O fato é que Deus se relaciona com pessoas e não com perfis.**

Pessoas reais necessitam de relacionamentos interpessoais que também sejam reais. O autor do Livro de Provérbios afirma que *“como o ferro afia o ferro, assim um amigo afia o outro”* (Provérbios 27.17 – NVT). O ensinamento presente no texto é que **toda amizade verdadeira produz atrito. Quem te diz apenas coisas agradáveis e te apoia em tudo, não é teu amigo de fato. Ainda que a amizade genuína seja banhada no oceano do amor, também é necessário que ela seja cultivada nos solos da verdade e da sinceridade.** O atrito nos relacionamentos é necessário e faz bem pois, somente através dele, produziremos corte afiado. Quase sempre, porém, nós não gostamos do processo de afiação. Como os gordinhos que rejeitam a dieta, dizemos “estou bem assim”. Na realidade, não queremos arcar com os custos do atrito. A razão é sabermos que, **em se tratando de relacionamentos, sempre fica parte de nós no outro e vice-versa. Por essa razão, quando um relacionamento acaba, sentimos falta de algo. Se não for assim, não houve relacionamento, mas apenas o compartilhar de espaço físico.**

Todos nós somos produtos do meio em que vivemos. Somos o resultado dos nossos encontros. Somos quem somos, por causa daqueles com os quais nos relacionamos. Sendo assim, muito do que somos – para o bem e para o mal – se deve à qualidade dos nossos relacionamentos e amizades. Mas nem sempre percebemos isso. De forma que **nos enganamos quando pensamos que Satanás usará pessoas desconhecidas para nos atingir. Pelo contrário, o diabo tem se utilizado das amizades para atingir o ponto fraco das pessoas. Pense naqueles que já te magoaram ou feriram seus sentimentos de alguma forma. Eram amigos ou desconhecidos? A maioria era composta por pessoas comuns ou por gente que foi referência para sua vida em algum momento?**

Mesmo acometidos pelos mais diversos tipos de decepções ao longo da vida, ainda assim, precisamos nos relacionar. Em certo sentido, não devemos ir à igreja por causa de Deus, mas por causa de nós mesmos – até porque não servimos a Deus na igreja; nela servimos às pessoas. Mas na companhia dos nossos irmãos nós oramos melhor, louvamos melhor, partilhamos do momento da Palavra de forma mais prazerosa e nos alegramos com mais facilidade. Contudo, é aí que mora o problema. Na maioria das igrejas evangélicas, os relacionamentos não fluem como deveriam. Há certos bloqueios, certas dificuldades. Existem “nós” que precisam ser desatados. Mas para isso acontecer, precisamos primeiro estar cientes dos **“nós” que há em nós.** Portanto, estamos diante de

duas questões. A primeira é: Quais são os “nós” que há em nós? A segunda questão é: Como podemos desatar esses “nós”? Há pelo menos dois “nós” principais existentes em nós. Um influencia nossa relação com Deus. O outro influencia nossa relação com as pessoas.

Na primeira parte de nossa reflexão, aprendemos que um dos “nós” que há em nós, é aquele que influencia negativamente a nossa relação com Deus. Com base no texto de João 13.20-30, vimos que em nós há um “nó” que externaliza o pior que existe dentro de nós, entristece o coração do Senhor Jesus e nos assemelha a Judas Iscariotes, que foi alguém que não serviu a Deus, mas se serviu de Deus (v. 26); Judas Iscariotes serviu como alimento para Satanás e atuou na escuridão (v. 27, 30); ele também agiu de forma pecaminosa, sem levantar suspeitas no meio da congregação dos discípulos de Jesus (v. 28).

Na segunda parte de nossa reflexão, veremos que outro “nó” que em há nós, é aquele que influencia negativamente a nossa relação com Deus. No texto bíblico citado inicialmente, um dos principais interesses de Jesus é restaurar a alegria e a harmonia de um lar, composto por três irmãos que eram muito amados por Jesus (v. 5). Como o Senhor Jesus não muda (cf. Hebreus 13.8), e não faz acepção de pessoas (cf. Atos 10.34-35), Ele também ama a sua vida, a vida de sua família, e tem um interesse real e especial de realizar algo extraordinário na sua vida e na vida de seus familiares. Mas mesmo o Senhor Jesus sendo Todo-Poderoso, sem necessitar de qualquer tipo de ajuda ou intervenção humanas (cf. Mateus 28.18), Ele quer que sejamos Seus cooperadores na realização de Sua obra (cf. 1Coríntios 3.9). Em nossos dias, porém, o que Jesus encontra na maioria das vezes é o mesmo cenário existente na ressurreição de Lázaro. Naquele ambiente – bem como em toda família e em toda igreja evangélica em nossos dias – havia três grupos de pessoas: a) o grupo dos que **fazem acontecer** e estão sempre dispostos a ajudar (v. 41); b) o grupo dos que **esperam acontecer**, isto é, estão presentes, mas não fazem nada para ajudar (vv. 19, 31); e c) o grupo dos que **torcem para nada aconteça** e para que tudo permaneça do jeito que está (v. 39).

Mesmo aqueles que fazem algo para Jesus, ainda ficam aquém daquilo que se espera deles. Na oração que fez antes da ressurreição de Lázaro, o Senhor Jesus disse: *“Pai, eu te agradeço porque me ouviste. Tu sempre me ouves, mas eu disse isso por causa de todas as pessoas que estão aqui, para que elas creiam”* (vv. 41-42). Em outras palavras, Jesus dizia: “Eu oro, não por mim, mas pelas pessoas, para que elas tenham fé”. Será que nós também agimos dessa forma? Quantas vezes nós deixamos de orar por nós mesmos, para oramos pelos outros, para que eles tenham fé?

Quando Lázaro saiu do túmulo, ele estava *“com as mãos e os pés presos com faixas e o rosto envolto num pano”* (v. 44). O Senhor Jesus, então, ordena: *“Desamarrem as faixas e deixem-no ir”* (v. 44). No texto o Senhor Jesus fez o que ninguém seria capaz de fazer. Ele realizou o milagre de trazer Lázaro novamente à vida. Contudo, Jesus deixou sob a responsabilidade das pessoas presentes ali, ser a extensão da bênção e realizar algo que o próprio Lázaro não seria capaz de fazer por si mesmo –

desatar os nós que o impediam de caminhar. Do mesmo modo, Jesus realizou em nós o milagre de nos resgatar da morte eterna para a vida eterna. Ele nos fez nova criação, onde “*a velha vida acabou, e uma nova vida teve início!*” (cf. 2Coríntios 5.17 – NVT). Mas junto com a “nova criação” que nos tornamos, vem o novo, o desconhecido, o não saber; vem os “nós” que nos bloqueiam, nos impedem de caminhar e de ser quem somos no coração de Deus. É semelhante ao que ocorre quando estamos diante de algum objeto eletrônico possui novos sistemas ou novas tecnologias. Por se tratar de uma “nova criação” humana, por algum tempo não sabemos como operar plenamente o novo aparelho. Necessitamos do manual de instruções do produto, ou de alguém já experiente no assunto que queira nos ensinar.

Durante os primeiros passos em nossa caminhada cristã, nos encontramos amarrados, atados, sem saber como agir ou progredir. Nesses momentos, não há nada que possamos fazer por nós mesmos. Dependemos uns dos outros para desatar os “nós” que há em nós. Deus não fará isso por nós. Essa é uma verdade que tem que estar clara em nossa mente: a de que Deus deixou, a cada um de nós, a responsabilidade de desatar os nós uns dos outros. Em uma de suas últimas instruções, o Senhor Jesus ordenou que fizéssemos discípulos de todas as nações e que, além disso, desatássemos os “nós” de cada um deles, isto é, ensiná-los a obedecer tudo o que Cristo ensinou (cf. Mateus 28.19-20).

Muitas vezes nós presenciamos o milagre divino na vida das pessoas, glorificamos a Deus por isso, e em seguida retornamos aos nossos lares, para a nossa vida, e deixamos as pessoas que foram alvo do milagre completamente atadas. Julgamos ter cumprido a nossa parte pelo simples fato de estarmos presentes no culto ou na ocasião do prodígio. Ignoramos a ordem Jesus: “*Desamarrem as faixas e deixem-no ir!*” Note que a ordem de Jesus não foi para um grupo específico de pessoas, mas para todos os presentes naquele tempo e lugar.

Na sequência do texto bíblico, observamos que, algum tempo depois do episódio da ressurreição, o Senhor Jesus foi convidado para jantar na casa de Lázaro. Na ocasião, “*Marta servia, enquanto Lázaro estava à mesa com ele*” (cf. João 12.1-2 – NVT). Quando desatamos os “nós” de alguém, permitimos que Jesus se faça presente em sua na vida e de sua família. Propiciamos que a pessoa esteja à mesa com o Senhor Jesus. Permitimos que ela desfrute de momentos de comunhão íntima com Cristo. Pena que não é sempre que isso acontece.

De acordo com a passagem bíblica, “*quando o povo soube da chegada de Jesus, correu para vê-lo, e também a Lázaro, a quem Jesus havia ressuscitado dos mortos. Então os principais sacerdotes decidiram matar também Lázaro*” (cf. João 12.9-10 – NVT). **Tem gente que, em vez proporcionar vida, tem interesse apenas de gerar morte, ainda que seja morte existencial. Muitas vezes preferimos julgar do que acolher, criticar do que conhecer melhor o indivíduo. Com isso, matamos quem de fato a pessoa é, por causa da falsa imagem que dela construímos. Em nossos relacionamentos interpessoais, muitas vezes condenamos a pessoa pelo “rótulo”, sem**

ao menos provar do seu conteúdo. Valorizamos a pessoa apenas pelo o que ela faz, por aquilo que ela produz. Ao agirmos assim, ignoramos quem de fato a pessoa é. É verdade que o Senhor Jesus ensinou que pelos nossos frutos seremos conhecidos (cf. Mateus 7.20). Mas também é verdade que, muitas vezes, uma árvore deixa de produzir frutos, não porque seja uma árvore ruim, mas porque está doente; e em virtude disso, necessita de cura, de alimento e não de machados. Por essa razão, o Senhor Jesus também disse que “*não esmagará a cana quebrada, nem apagará a chama que já está fraca*” (Mateus 12.20a – NVT).

Por causa da dureza do nosso coração, na maior parte do tempo somos individualistas. Ignoramos o fato de que as pessoas existem para cuidarem umas das outras. Em muitos momentos a palavra de Deus para nós é a mesma palavra Deus para Caim, quando Deus percebeu a ausência de vida em Abel. Deus disse: “*Onde está seu irmão?*” (cf. Gênesis 4.9 – NVT) Onde estão os nossos irmãos, os nossos semelhantes? Pessoas cujos “nós” temos obrigação de desatar? Estão amarrados ou desatados? Crescendo ou definhando? Sorrindo ou chorando?

Além de tudo o que abordamos até o momento, há um detalhe curioso no final da narrativa bíblica. Na vida de Lázaro restava um “nó”, que não fora desatado. Mas este “nó” era diferente. Não prejudicava a mobilidade de Lázaro. Pelo contrário, o tornava útil aos seus semelhantes. Permita-me explicar. Há duas categorias de nós: a) os **nós fixos** ou **nós de bloqueio**, que necessitam de remoção; e b) há os chamados **nós de ligação**, que devem ser preservados. Em Lázaro havia um “nó” de ligação, que conectava as pessoas ao Senhor Jesus. Diz o texto bíblico que, por causa de Lázaro, muitos judeus abandonaram os principais sacerdotes e passaram a crer em Jesus (cf. João 12.10-11). Tal realidade, nos coloca diante da seguinte questão: **Que categoria de “nós”, há em nós? “Nós” de bloqueio, ou “nós” de ligação?**

É tempo de cada um de nós realizarmos uma autoanálise e, em atitude sincera diante de Deus, declarar: “*Examina-me, ó Deus, e conhece meu coração; prova-me e vê meus pensamentos. Mostra-me se há em mim algo [algum ‘nó’, algum bloqueio] que te ofende e conduze-me [a um “nó” de ligação] pelo caminho eterno*” (Salmos 139.23-24 – NVT).

Soli Deo Gloria.

Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 27/05/2018, no congresso da família promovido pelo ministério de programas da Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha.